

SUMÁRIO

||||| **O começo de tudo** › 11

||||| **1. O ingresso na creche** › 17

A instituição · 18

A educadora · 22

A família · 23

A criança · 28

||||| **2. O bebê até 1 ano – Berçário** › 33

Chegando ao mundo · 33

Interagindo com adultos · 35

Interagindo com crianças · 37

Atividades e objetivos · 39

||||| **3. A criança de 1 a 2 anos – Pré-maternal** › 49

Desbravando o mundo · 49

Interagindo com adultos · 50

Interagindo com crianças · 51

Atividades e objetivos · 53

IIII 4. A criança de 2 a 3 anos – Maternal › 65

Eu no mundo · 65

Interagindo com adultos · 68

Interagindo com crianças · 72

Atividades e objetivos · 73

IIII 5. A criança de 3 a 4 anos – Jardim I › 91

Ampliando os horizontes · 91

Interagindo com adultos · 96

Interagindo com crianças · 98

Atividades e objetivos · 100

IIII A delicada (e importante) tarefa de colocar limites às crianças › 131

Como colocar limites · 134

IIII Bibliografia/Para saber mais › 137

O COMEÇO DE TUDO

Nos idos de 1981, quando participei da criação da Creche¹ Garatuja – situada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro –, jamais imaginei que, algum dia, ousaria escrever um livro sobre educação infantil. Certa feita, porém, conversando com uma amiga muito especial sobre situações vividas no trabalho, comentei quanta coisa havia aprendido ao longo de todos esses anos. Aprendi, por exemplo, que, apesar da proliferação de creches por toda a cidade (mostrando que as famílias, quer por convicção, quer por falta de opção, preferem cada vez mais deixar os filhos nessas instituições a recorrer aos cuidados de parentes ou babás), muitas dúvidas e questões se repetiam ano após ano.

Por parte das mães – e, hoje em dia, de um número crescente de pais –, os sentimentos ambivalentes em relação à creche (“será que meu filho vai ficar traumatizado, achando que está

1. No Rio de Janeiro, desde a fundação da Creche Acalanto, em 1971, o termo “creche” é usado indistintamente por instituições públicas e privadas. Em outros estados, como São Paulo, o termo mais comum é “escolinha”.

sendo abandonado?”) alternam-se com um tanto de curiosidade (“o que será que as crianças fazem lá dentro?”) e com a vontade de repetir, em casa, as mesmas brincadeiras feitas pelas educadoras², de cantar as mesmas músicas.

Por parte das educadoras, principalmente das que estão iniciando a vida profissional, uma espécie de desagrado temeroso ao ser designadas para assumir uma turma de crianças com menos de 2 anos (“ah, mas é tão difícil trabalhar com bebês, eles não sabem fazer nada!”), a sugerir certo preconceito em relação à faixa etária dos bem pequenininhos. Além da insegurança natural, decorrente da escassez de conhecimento e/ou inexperiência (particularmente das educadoras que não têm filhos), percebe-se um sentimento velado de menosprezo, como quem pensa: “Eu não estudei tanto para acabar sendo babá de luxo”.

De certa maneira, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996, e os três volumes do *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*, publicados pelo MEC em 1998, vieram para dar uma orientação mais qualificada ao atendimento de crianças dessa faixa etária, do ponto de vista pedagógico. Além disso, a LDB passou a exigir que educadores atuando no segmento creche (crianças até 3 anos) tenham formação em nível superior (Pedagogia) ou Curso Normal Superior, com um ano adicional em educação infantil. Anteriormente, para atender as crianças de creche, bastava que as recreadoras tivessem o segundo grau (atual ensino médio) completo, sem qualquer especialização. A formação específica era exigida apenas para os professores de crianças a partir dos 3 anos.

No entanto, apesar de a nova LDB já ter completado doze anos de idade, ainda são raras as publicações – livros ou revistas

2. Preferimos usar “educadora”, no feminino, por retratar melhor a realidade das instituições de educação infantil no Brasil, nas quais praticamente inexistente a figura masculina no atendimento direto às crianças. Usaremos, também, como sinônimo, o termo “professora”.

especializadas em educação infantil – que tragam atividades específicas para bebês e crianças bem pequenas. A maioria desses trabalhos tem como ponto de partida a criança com 3 anos completos, já na pré-escola.

Era sobre essas coisas que eu conversava com a amiga do primeiro parágrafo, quando ela disse: “Você tem que colocar isso num livro. Eu considero um ato de egoísmo não compartilhar as coisas que a gente aprende e que podem ajudar os outros”. Com alguma licença poética, foram mais ou menos essas as palavras.

E o tal ato de egoísmo começou a martelar meu pensamento. Para evitar dor de cabeça maior, resolvi transformar o ato de egoísmo em ato de heroísmo: “Certo, vamos compartilhar conhecimentos, vamos ao livro”.

O alvo inicial eram estudantes e professores recém-formados em Pedagogia, na especialidade educação infantil, que, como já foi dito, têm grande dificuldade de planejar atividades para crianças de até 3 anos. Muitas vezes, por não saberem o que esperar delas, propõem atividades inadequadas para a faixa etária. Outras vezes, colocam em terrenos distintos cuidados pessoais e conteúdos pedagógicos.

Procurei, então, dar uma organização didática ao texto, destinando um capítulo a cada faixa etária até os 4 anos, descrevendo as características mais marcantes de cada uma delas e apresentando uma lista de atividades que podem ser feitas com as crianças. Ou seja, o livro foi escrito com a intenção de servir como um guia prático, descomplicado e bem-humorado para educadores.

Acontece que, independentemente da idade, é sempre muito importante que os pais participem da vida escolar dos filhos. Na educação infantil, particularmente, é impossível separar criança e família com resultado satisfatório. Assim, também os pais mais curiosos podem obter dicas interessantes sobre o comportamento

dos filhos, sobre colocação de limites e sobre alguns aspectos a ser considerados ao matricularem o bebê na creche. Além disso, poderão matar um pouco a curiosidade de saber o que as crianças fazem lá dentro e aprender (relembrar?) velhas cantigas.

A propósito das atividades, algumas delas são apresentadas na forma de jogos ou brincadeiras, ao passo que outras aparecem como uma listagem de habilidades que a criança deve adquirir e exercitar. Como é fato sabido que todo conhecimento precisa de fixação (repetição) para ser internalizado, cabe aos educadores usar seu talento e imaginação para dar uma cara nova a atividades repetitivas. As mesmas brincadeiras podem ser feitas de diferentes maneiras, com diferentes estímulos. O importante é que a educadora tenha humor, vibre com as conquistas de cada aluno, saiba aprender com eles e faça seu trabalho com entusiasmo e criatividade. Ah, e é preciso ter em mente que atividade e brincadeira, no caso da educação infantil, querem dizer a mesma coisa, pois brincar é o trabalho da criança. E, a bem da verdade, mesmo depois que a gente cresce, vira adulto e envelhece, o conhecimento que se adquire com prazer é sempre o que permanece. (A rima, por exemplo, faz parte da brincadeira.)

No espaço da creche, costuma ser muito produtiva e divertida a interação de crianças de idades diferentes. Os pequenos quase sempre veem nos maiores os seus ídolos, e tentam imitá-los a qualquer custo. Já os mais velhos sentem-se orgulhosos e, de certa forma, responsáveis por aqueles “bebês”, ajudando-os quando necessário. Assim, devem ser programadas algumas atividades em conjunto com turmas de faixas etárias distintas, a fim de que essa interação aconteça de maneira intencional, e não aleatoriamente. O trabalho conjunto com crianças de idades diversas permite que elas convivam com diferentes formas de pensar, falar, sentir, resolver problemas, uma vez que cada faixa etária tem um elenco próprio de competências e habilidades.

Quando se tem noção da riqueza propiciada pela interação entre crianças que se encontram em estágios de desenvolvimento distintos, conclui-se quanto o acolhimento a crianças com deficiências ou necessidades especiais, pelas instituições de educação infantil em particular, tem a oferecer a alunos e educadores. Afinal de contas, todos temos limitações e talentos, cada um de nós utiliza mecanismos particulares para construir conhecimentos e cada um de nós o faz em um ritmo pessoal.

De modo geral, as crianças com necessidades especiais devem participar de todas as atividades propostas para o grupo no qual estão inseridas. Os estímulos devem ser os mesmos, desde que se tenha tido o cuidado de escolher a faixa etária mais adequada para atender às necessidades dessa criança, independentemente de sua idade cronológica. Quando a terapeuta do aluno com necessidades especiais sugere alguma atividade mais específica, esta também é proposta para o grupo todo. A maneira de conduzir a atividade e o que pode ser esperado da criança é que variam, de acordo com a necessidade específica de cada uma e com seu grau de comprometimento. Cada caso é um caso. Daí a importância do trabalho conjunto e permanente entre psicóloga, coordenadora pedagógica, terapeuta e família.

O respeito, a solidariedade, a tolerância, o reconhecimento das próprias limitações, a vontade de aprender – talvez sejam esses os conteúdos mais importantes da educação infantil. Se postos em prática ao longo da vida, quem sabe um dia nossa aldeia global aprenda a conviver em harmonia?

1

O INGRESSO NA CRECHE

Quem trabalha em escola de educação infantil, particularmente no segmento creche (crianças até 3 anos), não se impressiona com o burburinho nem com o vaivém de crianças e adultos nos primeiros dias do ano letivo. Alguns alunos, ao voltar das férias, gritam, correm e pulam de alegria ao rever os amigos do ano anterior. Outros, que estão vivendo sua primeira experiência longe dos cuidados da família, mostram-se curiosíssimos, querendo explorar todos os lugares e brinquedos ao mesmo tempo, numa movimentação incessante, capaz de cansar até quem está apenas observando. Outros, ainda, agarram-se nos braços da mãe, recusando-se mesmo a olhar o que se passa ao seu redor. Isso sem mencionar aqueles que, acostumados ou não à rotina da creche, abrem o berreiro. Além das crianças, os acompanhantes desses alunos, ao circular pelos diversos ambientes, reforçam a impressão de desorganização.

Diante de tal quadro, qualquer pessoa mais desavisada que visite a escola nessa época do ano terá a sensação de estar entrando num enorme viveiro de periquitos, seja pela movi-

mentação, seja pela algazarra. “Será que, algum dia, alguém vai conseguir organizar essa passarinhada?”, indaga-se a pessoa, entre cética e assustada. A resposta é simples: vai, sim. Dentro de pouco tempo haverá harmonia, desde que todos colaborem e cada qual desempenhe o seu papel. E, para acalmar os periquitos, nada melhor do que uma rotina funcional e prazerosa.

Considerando-se que o ingresso de uma criança de menos de 3 anos na creche é um momento delicado, que comporta anseios e tensões, nessa fase inicial de conhecimento, exploração e experimentação de tantas novidades, atenção especial deve ser dispensada aos elementos envolvidos nesse processo: as crianças, as famílias, as educadoras e a própria instituição.

É fundamental, portanto, que a creche se estruture de modo a dar a devida importância a essa etapa, a fim de que todos se sintam seguros e estabeleçam, desde os primeiros contatos, um relacionamento baseado na confiança recíproca.

A instituição

Cada criança que ingressa na creche traz mudanças para a instituição, que passa a receber a cultura, os hábitos, os valores e a história de seus novos clientes. A creche, portanto, deve estar preparada para estabelecer um diálogo direto e específico com esses pais. É importante que ambas as instituições – creche e família – apresentem com clareza suas possibilidades, regras e limitações, o que é permitido e o que é proibido, o âmbito de atuação de cada uma, as expectativas recíprocas e a natureza do seu “projeto educacional e afetivo” em relação à criança. Na creche, esse projeto circunscreve-se a um prazo limitado, ao passo que, na família, tem duração ilimitada.